

Um projeto para não deixar o centro morrer

Dos projetos elaborados por formandas do curso de Arquitetura da Ufes, um propõe a revitalização do centro de Vitória. Para isso foi necessário pesquisar 90 anos da história da cidade e comprovar o descaso para com a documentação no Estado.

Álvaro Muniz

Assim como a universidade é criticada por ser uma instituição fechada, que nunca se abriu à comunidade, o Espírito Santo é criticado por ser um Estado sem memória cultural. Aqui, ao que parece, tudo passa como se nunca tivesse existido. Exagero? Então, que alguém tente fazer um apanhado histórico do movimento teatral, musical, ou mesmo do estilo arquitetônico capixabas. A tarefa, certamente, será das mais árduas.

Um grupo de alunos, formandos de Arquitetura da Ufes, resolveu enfrentar o desafio. Os projetos apresentados — com quase todos os temas ligados à realidade do Estado — fazem parte de trabalhos finais de graduação. Apesar dos projetos apresentarem propostas de melhorias urbanas em vários municípios do Espírito Santo, os alunos não receberam qualquer apoio de órgãos governamentais.

Tentando resgatar uma parte da história arquitetônica da cidade, Renata de Almeida saiu em campo para pesquisar o "O Centro de Vitória — 1895/1985". Além do trabalho de campo, Renata percorreu bibliotecas e arquivos à procura de documentos que pudessem subsidiar sua pesquisa. Essa maratona durou mais de um ano, mas serviu para que a aluna pudesse comprovar, mais uma vez, "a pouca importância se dá aos documentos históricos no Estado".

Quando pensou em fazer seu trabalho, Renata estava preocupada em descobrir as causas do crescimento desordenado do centro da cidade e a sua rápida descaracterização. No seu trabalho de pesquisa, conseguiu descobrir que as maiores transformações do centro de Vitória ocorreram até a década de 50. De lá para cá, ele se manteve inalterado. Foi nos governos de Jerônimo Monteiro e, principalmente, Florentino Avidos, que aconteceram as obras que até hoje marcam a cidade: teatro Carlos Gomes, teatro Glória e Mercado da Capixaba.

Os 90 anos que a pesquisa de Renata abrange foram divididos em quatro momentos, iniciando em 1895, que é quando o Estado obtém sua autonomia política em relação à República. Os dois momentos seguintes são exatamente os finais dos governos Jerônimo Monteiro e Florentino Avidos. A última etapa analisa a transformação do centro da cidade pós-68, que é quando ocorre a mudança da conjuntura econômica, com os grandes projetos vindo para o Estado e afetando diretamente a vida da população.

cais. Daí a ampliação do mercado e a construção de teatros, entre outras obras.

Pode-se observar, com esse fato, que, assim como continua acontecendo ainda hoje, as transformações arquitetônicas nos quatro cantos do país são produzidas pelo poder público. Nas décadas de 50, 60 e 70 o capital imobiliário tem uma participação significativa na transformação arquitetônica da cidade. No seu trabalho de pesquisa, Renata descobre, inclusive, que em várias passagens o setor imobiliário pressiona o poder público para que este modifique sua legislação, principalmente no que diz respeito a alteração de gabaritos. É a especulação imobiliária agindo com todas as suas forças.

O crescimento de Vitória, como conta Renata, foi feito basicamente em cima de aterros, já que não havia espaço para a sua ampliação, uma vez que a cidade sempre esteve espremida entre o mar e a montanha. Antes desses aterros, os casarões eram uniformes e apresentavam



Renata de Almeida: preciosidades em processo de deteriorização

uma característica arquitetônica colonial. Grande parte disso foi destruído paulatinamente. Ou então foram reconstruídos com uma nova roupagem, como o Palácio Anchieta e sua escadaria.

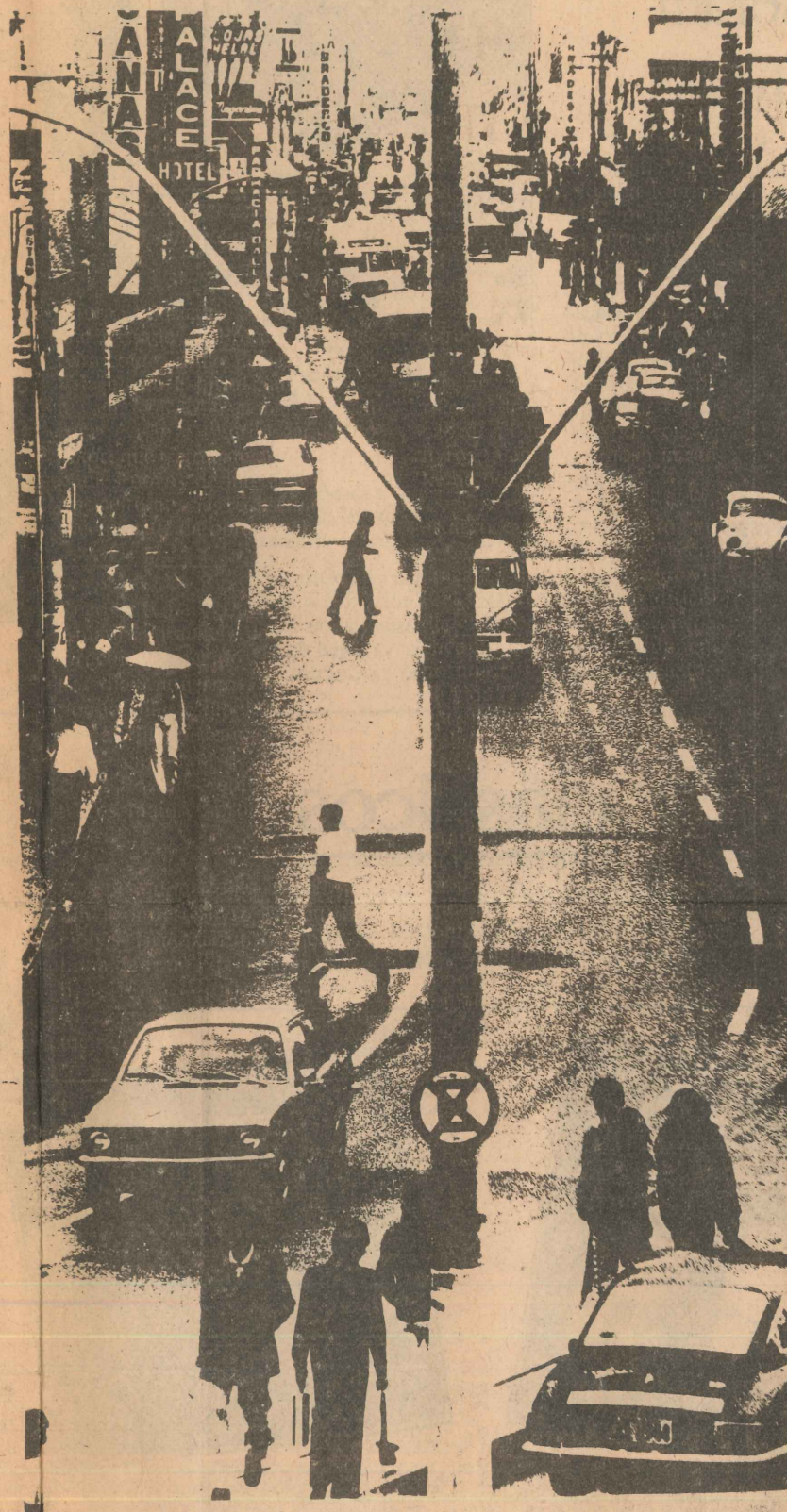
Para pesquisar e tentar reviver essa parte da história capixaba Renata de Almeida centrou seu trabalho basicamente no Arquivo Público. Foi lá que ela fez descoberta que já não é novidade para ninguém: encontrar documentos históricos referentes ao Estado é o mesmo que procurar agulha no palheiro. "Na Pre-

Menegheli fizeram um projeto sobre a "Revitalização do Centro de Vitória", incluindo propostas para um aproveitamento mais humano do centro da cidade.

Para a elaboração do projeto as alunas visitaram durante três meses, todo

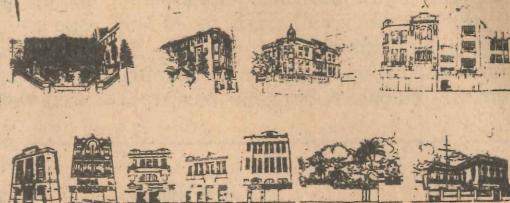
número de barzinhos onde se pode baer um papo acompanhado por uma cervijinha", lamentou. A vida noturna do centro, resumem as arquitetas, foi asfiziada.

Há uma preocupação por parte das alunas que elaboraram o projeto de revitalização do centro de Vitória de que a

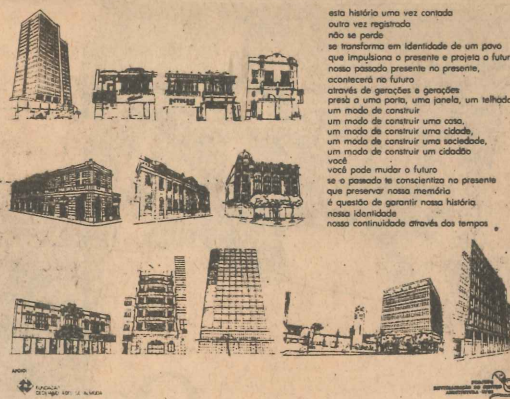


"Até hoje as propostas de trânsito que surgiram só foram implantadas para beneficiar o transporte. Nossa proposta pretende beneficiar o pedestre. Se nós tivéssemos, por exemplo, um transporte coletivo eficiente, poderíamos diminuir o número de carros particulares no centro. Poderíamos ter, porque não, um estacionamento periférico para esses automóveis. Isso faria com que as pessoas não entrassem com seus carros na cidade", propõe Márcia Zanotti.

O documento também mostra que as pessoas que trabalham no centro da cidade não têm um local onde possam ficar após o almoço. A solução é cheirar óleo diesel e ouvir o "agradável" barulho do trânsito. No meio dessa selva de pedras, o projeto só apontou a praça



JERÔNIMO MONTEIRO
uma rua conta a nossa história



Nesse cartaz, um apelo à preservação da memória arquitetônica da cidade

Costa Pereira como um dos poucos locais que ainda não está saturado. A praça da Catedral, há muito virou estacionamento de carros particulares.

O porto de Vitória, com seus grandes galpões, foi apontado pelas pesquisadoras como uma outra barreira à revitalização do centro. Elas reclamam uma integração maior entre o porto e a cidade. Tânia ressalta que há uma identificação natural entre a população e a baía de Vitória. Ela lembra, por exemplo, que pró-

obias.

Pode-se observar, com esse fato, que, assim como continua acontecendo ainda hoje, as transformações arquitetônicas nos quatro cantos do país são produzidas pelo poder público. Nas décadas de 50, 60 e 70 o capital imobiliário tem uma participação significativa na transformação arquitetônica da cidade. No seu trabalho de pesquisa, Renata descobre, inclusive, que em várias passagens o setor imobiliário pressiona o poder público para que este modifique sua legislação, principalmente no que diz respeito a alteração de gabaritos. É a especulação imobiliária agindo com todas o seu gás.

O crescimento de Vitória, como conta Renata, foi feito basicamente em cima de aterros, já que não havia espaço para a sua ampliação, uma vez que a cidade sempre esteve espremida entre o mar e a montanha. Antes desses aterros, os casarios eram uniformes e apresentavam



Foto. de Chico Guedes

Renata de Almeida: preciosidades em processo de deteriorização

uma característica arquitetônica colonial. Grande parte disso foi destruído paulatinamente. Ou então foram reconstruídos com uma nova roupagem, como o Palácio Anchieta e sua escadaria.

Para pesquisar e tentar reviver essa parte da história capixaba Renata de Almeida centrou seu trabalho basicamente no Arquivo Público. Foi lá que ela fez descoberta que já não é novidade para ninguém: encontrar documentos históricos referentes ao Estado é o mesmo que procurar agulha no palheiro. “Na Prefeitura de Vitória existem plantas cadastrais de 1937 e que estão trancadas dentro de arquivo, como se estivessem escondidas. Ninguém tem acesso a ele. No Arquivo Público existem plantas de Vitória que são verdadeiras preciosidades e estão se deteriorando. Fatos como estes parece que já se tornaram normais e ninguém levanta a voz para exigir providências imediatas”, denuncia a arquiteta.

Os alunos formandos de Arquitetura tiveram uma preocupação comum com o centro de Vitória. Se Renata procurou fazer um apanhado histórico de sua arquitetura, as alunas Tânia Gonçalves, Isabela Muniz, Márcia Zanotti e Clemir

Menegheli fizeram um projeto sobre a “Revitalização do Centro de Vitória”, incluindo propostas para um aproveitamento mais humano do centro da cidade.

Para a elaboração do projeto as alunas visitaram durante três meses, todo seu espaço físico, pesquisando o comportamento da população que frequenta seu comércio e áreas de lazer. As estudantes chegaram à conclusão de que a ocupação do centro como uma zona burocrática, onde imperam o financeiro e comercial, é encarada pelas autoridades como um processo normal. Assim, a abertura de novos bancos e grandes cadeias de lojas passa a não ser questionada.

Com esse crescimento imobiliário do centro, baseando-se nos setores financeiros, comercial e os poderes públicos, a vida noturna praticamente deixou de existir. “Pode-se hoje contar nos dedos o

número de barzinhos onde se pode bater um papo acompanhado por uma cervejinha”, lamentou. A vida noturna do centro, resumem as arquitetas, foi asfixiada.

Há uma preocupação por parte das alunas que elaboraram o projeto de revitalização do centro de Vitória de que a expansão imobiliária seja freada para que o pouco do que ainda resta de patrimônio histórico seja preservado. Caso, segundo elas, não sejam apresentadas propostas nesse sentido, a tendência é que essa situação piore cada vez mais.

O projeto evidenciou que o problema do transporte é um meio fundamental de ser pensado enquanto uma política para dar vida ao centro. Em relação a isso, as alunas também fazem uma proposta: elas deixam claro que não pretendem negar tudo o que vem sendo feito em relação ao transporte, mas sim lutar para que o centro tenha um pouco mais de vida.



pretende beneficiar o pedestre. Se nós tivéssemos, por exemplo, um transporte coletivo eficiente, poderíamos diminuir o número de carros particulares no centro. Poderíamos ter, porque não, um estacionamento periférico para esses automóveis. Isso faria com que as pessoas não entrassem com seus carros na cidade”, propõe Márcia Zanotti.

O documento também mostra que as pessoas que trabalham no centro da cidade não têm um local onde possam ficar após o almoço. A solução é cheirar óleo diesel e ouvir o “agradável” barulho do trânsito. No meio dessa selva de pedras, o projeto só apontou a praça



JERÔNIMO MONTEIRO
uma rua conta a nossa história

esta história uma vez contada
outra vez registrada
não se perde
se transforma em identidade de um povo
que impulsiona o presente e projeta o futuro.
nosso passado presente no presente,
acontecerá no futuro
através de gerações e gerações
préto a uma porta, uma janela, um telhado.
um modo de construir
um modo de construir um caso,
um modo de construir uma cidade,
um modo de construir uma sociedade,
um modo de construir um cidadão
você
você pode mudar o futuro
se o passado te conscientiza no presente
que preservar nossa memória
é questão de garantir nossa história
nossa identidade
nossa continuidade através dos tempos



Nesse cartaz, um apelo à preservação da memória arquitetônica da cidade

Costa Pereira como um dos poucos locais que ainda não está saturado. A praça da Catedral, há muito virou estacionamento de carros particulares.

O porto de Vitória, com seus grandes galpões, foi apontado pelas pesquisadoras como uma outra barreira à revitalização do centro. Elas reclamam uma integração maior entre o porto e a cidade. Tânia ressalta que há uma identificação natural entre a população e a baía de Vitória. Ela lembra, por exemplo, que próximo à curva do Saldanha — mesmo sem qualquer estrutura — as pessoas pescam, andam de bicicleta e fazem cooper nos finais de semana. “Então” — questionam — “por que não derrubar alguns daqueles galpões.

O projeto de Revitalização do Centro de Vitória, explicam as alunas, tem por objetivo principal fomentar uma discussão para se chegar a uma proposta final de qual seria a melhor maneira de humanizá-lo. Além de terem apresentado o projeto na Ufes, as pesquisadoras farão um debate — ainda sem dia e local confirmados — no próprio centro de Vitória, tentando ampliar a discussão,